

SOM, RITMO, MOVIMENTO, SENTIRES: FALA E ANCESTRALIDADE NA ESCRITA DE CHINUA ACHEBE (NIGÉRIA, SEC XX)¹

Willian Felipe Martins Costa², Claudia Mortari³, Maria Cristina Martins Calixto Coelho Cardoso⁴, Cadidja Assis Pinto⁵, Luiza Ferreira da Silva⁶

¹ Vinculado ao projeto “Modos de ser, ver e viver o mundo: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX)”

²Acadêmico (a) do Curso de História – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC.

³ Orientadora, Departamento de História – FAED - .claudiammortari@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de História – FAED.

⁵ Acadêmica do Curso de História – FAED.

⁶ Acadêmica do Curso de História – FAED.

A literatura nos possibilita descortinar mundos, despertar sentires, nos apaixonar mas, também, construir histórias outras. É com esse entendimento que nos aproximamos e dialogamos com o escritor nigeriano Chinua Achebe, nos debruçando sobre mundos de possibilidades. As reflexões aqui são resultado dos estudos e discussões que desenvolvi como bolsista de pesquisa vinculado ao projeto “Modos de ser, ver e viver: o mundo ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX)”, coordenado pela Prof. Claudia Mortari, no âmbito do Laboratório AYA (UDESC/FAED). Partindo dos Estudos Africanos, que propõem pensar uma produção de conhecimento a partir *de África* e não somente *sobre África*, e do diálogo com as discussões dos campos Pós-coloniais e Decoloniais, que nos auxiliam no exercício de pensar a a produção de conhecimentos temos como proposta construir conhecimento histórico a partir da análise da obra de Achebe “O mundo se despedeça” (1958), visamos contribuir para o que o autor chama de um “equilíbrio das histórias” (2007) Pensamos que o nosso diálogo com Achebe nos possibilita não só acessar a experiência do autor e suas perspectivas sobre processos históricos ocorridos na Nigéria mas, também, as populações igos da, grupo do qual faz parte, como construir categorias de análise histórica a partindo da própria literatura.

O filósofo congolês Mudimbe (2013) nos alerta para o fato de que ainda hoje, nas interpretações acerca das Áfricas, tem-se usado muitas vezes categorias de análises e sistemas conceituais que partem das epistemologias ocidentais. Sendo assim, propomos desenvolver a análise nessa reflexão a partir das categorias de oralidade e sonoridade, em diferentes aspectos como: sons, ritmos, falas e sentires que se fazem presente em “O mundo se despedeça” (1958). Tais categorias podem também ser observadas em diversas cosmogonias africanas (HAMPATÉ BÂ, 1980; NWOBU, 2013), e com base no diálogo com pensadores e pesquisadores africanos, partindo de perspectiva de diálogo sul-sul, objetivamos construir possíveis compreensões acerca desses elementos na escrita de Achebe e nas experiências igos a partir de sua narrativa. Para tanto a metodologia de trabalho com o livro segue os parâmetros de pesquisas no campo que discute a literatura como fonte histórica (FERREIRA, 2009), além disso, entendemos as obras de Achebe enquanto memórias-testemunho. Tal perspectiva se alinha às discussões da História do tempo presente, linha de concentração do PPGH-UDESC, e nos permite fazer reflexões acerca do contexto de escrita da obra e das intencionalidades nela colocadas. Achebe escreve “O mundo se despedeça” em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria, e reivindica em seu trabalho um “direito de narrar suas próprias histórias” (MORTARI; WITTMANN, 2018), elemento que pode ser analisado como

uma emergência no presente em que o autor está escrevendo, vindo a ser uma importante questão frente a um processo de descolonização e de agência na luta por independência e emancipação. Escolhemos para esta reflexão, evidências contidas numa das cenas narradas por Achebe na obra “O mundo se despedeça” (1958), constante do capítulo treze que possibilitam pensar as categorias de oralidade e sonoridade e, portanto, descontar questões relativas aos modos de ser, ver e estar no mundo igbo do final do XIX. O capítulo em questão narra à morte de Ezeudu, um importante integrante de Umuófia, vila fictícia retratada pelo autor. “Logo cedo, antes de raiar o dia ouvia-se “*Go-di-di-go-go-di-go. Di-go-go-di-go*. Era o batuque do *ekwe* falando à tribo. Uma das coisas que todo homem aprendia era a linguagem desse instrumento de madeira” (ACHEBE, 2009, p. 139). O trecho acima foi retirado do início do capítulo e nos é um exemplo de como a literatura nos possibilita evidenciar algumas questões centrais. Ao trazer na escrita o som e o ritmo do *ekwe*, Achebe permite apontar as evidências da oralidade dos instrumentos a partir da ideia de oralitura (LEITE, 2012), que nos permite analisar a oralidade na literatura, e a presença do som, ou sonoridade. No som do *ekwe* podemos observar alguns traços que nos permitem observar experiências históricas de organização social, cultura e comunicação dos igbos. Esse instrumento é um tipo de tambor de madeira cujas batidas imitam as entonações da voz humana. Não é por acaso que Achebe o coloca em sua narrativa ressaltando seu ritmo e seu som, pois é a partir do exercício da oralitura que ele nos conta como os tambores podem falar. Ao citar que uma das coisas que todos os homens de Umuófia aprendiam era linguagem dos *ekwe* ele nos possibilita construir um entendimento que na cultura igbo, no período que se passa o romance, os instrumentos e suas sonoridades são elementos importantes para a organização social, porque, é a partir deles que as pessoas comunicam, por exemplo, a morte de um grande guerreiro como Ezeudu. Sendo assim, podemos observar que o diálogo com Achebe a partir da sua narrativa literária possibilita apontar indícios acerca das múltiplas experiências históricas de pessoas em um tempo e espaço. Em específico as experiências de uma sociedade igbo, situada no final do século XIX, no território que hoje conhecemos como Nigéria. Sendo esse diálogo com o autor e sua obra uma oportunidade de nos aprofundarmos nas pesquisas e estudos acerca das Áfricas e de construirmos um conhecimento histórico que aborde o continente e suas pessoas a partir de aportes metodológicos decoloniais.

Palavras-chave: História da África. Literatura. Oralidade e Sonoridade.